



INSTITUTO PORTUGUÊS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

***WORKING PAPER N.º50***

**«ESTE PAÍS NÃO É PARA NOVOS»: REALIDADES  
DEMOGRÁFICAS E RECONFIGURAÇÕES POLÍTICAS NA  
PRIMAVERA ÁRABE**

**João Estevens, *FCSH-UNL***

Abril de 2013

## **RESUMO**

O presente ensaio visa efetuar uma abordagem demográfica e histórica aos acontecimentos da “primavera árabe”. Através desta análise pretende-se entender de que modo é que a demografia pode afetar a segurança, e, em particular, como é que afetou os acontecimentos da “primavera árabe”. As revoltas civis a que todos assistimos não foram um acaso inesperado, pois havia uma série de condições (pobreza, desemprego, população jovem masculina mais qualificada, desocupada e frustrada) potenciadoras de comportamentos violentos por parte de determinados setores da população. As ameaças securitárias ao regime político estavam bem visíveis e foi a resposta tardia dos decisores políticos que determinou este desfecho: a “primavera árabe”.

Palavras-chave: População, Migrações, Segurança, “Primavera Árabe”.

A “primavera árabe”, conceito que acaba por definir espacialmente e temporalmente a análise deste ensaio, acabou por ser um acontecimento de geopolítica local com influência global, por exemplo no que diz respeito à Europa e aos EUA, face às dinâmicas migratórias existentes e aos esforços no combate ao terrorismo e a algumas dependências energéticas<sup>1</sup>, respetivamente. Assim, é do maior interesse, de diversos agentes políticos, acompanhar a evolução dos acontecimentos no norte de África e Médio Oriente, pois os processos de democratização são longos<sup>2</sup> e, até estarem concluídos, não existirão vazios de poder. Sabendo dos diversos interesses conflituais de diferentes potências internacionais, saber quem ocupa o poder neste período de incertezas políticas é uma questão que vai muito além do contexto nacional ou regional destes países.

O conceito de “primavera árabe” foi um conceito criado, essencialmente, pelos meios de comunicação social para caracterizar as sublevações que existiram e que resultaram do descontentamento generalizado de grande parte das populações com os sistemas políticos existentes em países do norte de África e do Médio Oriente, registando-se o seu início na Tunísia, no final do ano de 2010. As populações de vários países do mundo árabe estiveram, em diferentes momentos, envolvidas em distintos tipos de protestos pró-democracia. Estes protestos sociais, pouco institucionalizados, tiveram diferentes configurações: manifestações, greves, marchas pacíficas ou pequenas agregações populacionais de protesto, tendo beneficiado do papel da internet, em particular das redes sociais, como motor de agregação e organização do protesto.

O balanço destes protestos encontra-se em permanente atualização, sendo que, até ao momento, verificou-se a queda de quatro governos (Tunísia, Líbia, Egito e Iémen), existe um cenário de guerra civil na Síria (à semelhança do que já tinha sucedido na Líbia) houve governos a incorporar as exigências das suas populações e a efetuarem mudanças nas suas políticas (Marrocos,

---

<sup>1</sup> Os EUA importam cerca de 1/4 das matérias-primas energéticas a países envolvidos nos acontecimentos da “primavera árabe” (Jones, 2013:62).

<sup>2</sup> Principalmente porque não existe uma comunidade política forte (as estruturas políticas são de dimensão reduzida ou inexistentes e a sociedade civil existente é, na maioria destes países, fraca). Apesar de todas as mudanças verificadas até ao momento, a região que compreende o Médio Oriente e o norte de África continua a ser a região menos livre. Segundo um estudo da *Freedom House*, 72% dos países e 85% da população da região ainda não beneficiam de direitos políticos básicos e de várias liberdades civis (Jones, 2013: 56).

Omã, Jordânia, Kuwait) e ainda persistem manifestações de protesto organizadas na Argélia, no Líbano e no Iraque. Atendendo ao que foi anteriormente referido, estas demonstrações de resistência civil apresentaram níveis de ameaça securitárias muito distintas, nem sempre devidamente identificadas pelas forças de segurança dos estados em causa. Houve situações de níveis máximo de alerta, mas também houve países em que estas manifestações apresentaram um carácter residual e pouco expressivo, casos do Sudão, Mauritânia e Arábia Saudita, por exemplo.

O modelo de sistema político desenhado por David Easton (Easton, 1965), há cerca de cinco décadas, já previa que este pudesse ser um desfecho, na medida em que o sistema político destes países não estava a conseguir apresentar respostas para as exigências que estavam a ser efetuadas pelas suas populações, sendo que estas não respostas alimentavam níveis de pressão ainda mais elevados (Bang, 2011: 9). Quando isto acontece de forma acentuada e concertada, estão criadas as condições para uma ameaça ao próprio sistema político<sup>3</sup>. De forma muito resumida, foi isto que se passou no advento da “primavera árabe”. Houve governantes que atenderam a algumas pretensões das populações e, como consequência, conseguiram amenizar a pressão que estavam a sentir e aumentar os níveis de apoio aos regime e sistema político existentes. Aqueles que, mais cedo ou mais tarde, não o fizeram e extremaram as suas posições face à população foram perdendo, gradualmente, as suas bases de apoio, resultando isto em cenários de guerra civil ou em governos depostos.

Ao longo dos últimos anos, várias tinham sido as análises geopolíticas efetuadas às regiões do magrebe e médio oriente, tendo, a maioria delas, alertado para o potencial de conflito interno e externo existente em ambas as regiões. A “primavera árabe” veio apenas provar que os cenários securitários prospetivos traçados para o norte de África estavam corretos e que a bacia do mediterrâneo era, e ainda o é, uma região de tensões geopolíticas (Rodrigues e Ferreira, 2011: 33).

---

<sup>3</sup> No caso dos países envolvidos na “primavera árabe”, a ameaça não estava somente ao nível do sistema político, mas também no próprio regime político.

## 1. Globalização, segurança e demografia

Ao longo do tempo tem-se verificado um processo de aproximação espacial de diferentes comunidades, facilitado pela evolução tecnológica, em diversas dimensões societais, e que muitos designam por globalização. Independentemente das várias definições deste conceito, o processo anteriormente mencionado e as crescentes interdependências e relações parecem difíceis de ser questionados. Assim sendo, é possível afirmar que a globalização acentua a mobilidade, desde logo no que concerne a fluxos transnacionais, sejam eles de matriz económica ou populacional, por exemplo. Através de processos de *spill over* há efeitos de contágio de determinadas áreas societais para outras, sendo estes processos cada vez mais acelerados.

É também consensual, na literatura académica, aceitar o facto de as pessoas apresentarem necessidades básicas de segurança, o que, desde logo, implica preocupações com a paz e a ausência de ameaças (Buzan, 1991: 18). Aceitando que o conceito de segurança está intimamente ligado às necessidades securitárias sentidas pelas pessoas, é fácil identificar vários tipos de ameaças. Logo, é possível ir além de uma abordagem de segurança-estado e, assim, incluir novos vetores estratégicos associados à segurança humana. A segurança nacional, fruto da globalização e de diversos problemas geopolíticos, passou a incluir novas áreas como o ambiente, a demografia, a energia, etc.

A demografia é um conceito político que não deverá ser entendido como sendo de somenos, até porque é um elemento relevante na maioria das análises de *hard power* e *soft power*. Nas análises de *hard power*, a ênfase é colocada no número de efetivos populacionais e, nas avaliações de *soft power*, o mais importante é perceber o perfil das populações para aferir as suas capacidades atuais e potenciais, em diversos domínios. A demografia é, portanto, um fator a considerar na segurança, independentemente de a abordagem ser mais individual ou com maior pendor coletivo, e condiciona: a constituição dos corpos de segurança, na medida em que há regiões a perder população jovem; os níveis de bem-estar social, pois o crescimento de população pode afetar o aumento de bem-estar; a organização político-administrativa de um estado, em função da distribuição populacional pelo

território e entre regiões urbanas versus rurais, ou em função do perfil da população e da sua estrutura etária; as migrações, internacionais ou nacionais, têm consequências na definição de políticas públicas em diferentes áreas sociais (do urbanismo à educação) e podem trazer problemas de identidade e coesão nacional. Aliás, atualmente, os fluxos migratórios são considerados como uma das importantes ameaças securitárias para os estados (Rodrigues, 2009: 4)<sup>4</sup>.

No advento da “primavera árabe” houve ameaças da securitização económica e social, com efeitos de longo prazo, que se tornaram numa ameaça à segurança nacional. Foi um momento de organização de uma grande parte da sociedade, apesar da diversidade étnica e religiosa que existe em alguns países, fruto de uma definição de fronteiras elaborada no século XX pelas potências coloniais europeias que trouxe diversos problemas de identidade a comunidades que, originariamente, estavam organizadas em tribos. Os níveis de assimetrias identitárias de então parecem ser bastante inferiores aos de hoje. Talvez seja esta a prova de que a globalização não é um conceito vazio e que pode mudar, efetivamente, as identidades e os padrões comportamentais.

Como já foi referido, uma das especificidades da “primavera árabe” foi a utilização dos meios de comunicação. A globalização acentuou o ritmo do desenvolvimento tecnológico e também da sua partilha. Embora haja especificidades inerentes a cada país, no geral, as populações envolvidas nos protestos da “primavera árabe” serviram-se das redes móveis, das redes sociais e da internet para que o seu protesto ganhasse escala, tendo conseguido um poder de disseminação do protesto, que foi impossível controlar. Há novas tendências, que implicam uma constante monitorização da opinião pública e a criação de novas estratégias de comunicação e gestão da crise (Marcelino, 2012: 61), pois as sociedades atuais estão, gradualmente, a quebrar uma cultura de passividade e ambicionam uma aproximação aos centros de tomada de decisão. É este outro dos ensinamentos da “primavera árabe”.

---

<sup>4</sup> E isto dentro de um quadro de legalidade, pois sabemos que as estatísticas migratórias são muitas vezes deficitárias, até porque, empiricamente, apercebemo-nos que, em vários países, o volume de imigrantes real é francamente superior ao estatístico. Quando isto acontece, há grupos populacionais que não são objeto de análise aquando do processo de tomada de decisão política e, conseqüentemente, estão excluídos na elaboração de políticas públicas.

## 2. Estrutura e dinâmicas demográficas

O Quadro 1 mostra que os países em estudo apresentam, desde 1950 e até ao eclodir da “primavera árabe”, uma clara tendência de crescimento populacional, o que não constitui uma surpresa, na medida em que os níveis de mortalidade têm vindo a ser substancialmente reduzidos, devido aos esforços nacionais e também internacionais investidos na melhoria das condições de saúde destas populações, e que o índice sintético de fertilidade mantém-se em valores elevados<sup>5</sup> (Rodrigues, 2009: 18). As análises prospetivas indicam que o aumento da população será uma tendência a manter-se até 2050 (Rodrigues, 2009: 11), o que também é expetável, pois os processos demográficos têm efeitos de longo prazo.

**Quadro 1 – Taxa de crescimento populacional 1950-2010**

Country	Average annual rate of population change (percentage)											
	1950-1955	1955-1960	1960-1965	1965-1970	1970-1975	1975-1980	1980-1985	1985-1990	1990-1995	1995-2000	2000-2005	2005-2010
Algeria	2,09	2,12	1,98	2,85	3,06	3,22	3,22	2,71	2,24	1,53	1,49	1,51
Egypt	2,54	2,66	2,60	2,46	2,22	2,27	2,39	2,30	1,76	1,72	1,85	1,78
Libyan Arab Jamahiriya	1,80	3,61	3,70	4,12	4,25	4,34	4,57	2,37	1,94	1,83	1,96	1,93
Morocco	2,48	2,75	2,73	2,78	2,45	2,46	2,61	2,12	1,66	1,34	1,08	1,00
Sudan	2,23	2,36	2,38	2,52	2,97	3,17	3,19	2,36	2,58	2,52	2,33	2,51
Tunisia	1,79	1,79	1,85	2,04	2,01	2,61	2,54	2,28	1,68	1,13	0,94	1,12
Western Sahara	8,63	8,74	8,80	8,18	-0,50	13,96	4,01	3,69	3,20	3,93	6,68	3,72
Mauritania	2,48	2,76	2,83	2,83	2,93	2,91	2,82	2,65	2,77	2,85	2,85	2,54
Iraq	2,75	2,35	2,79	3,33	3,24	3,08	2,38	2,31	3,10	3,24	2,74	2,93
Jordan	7,38	6,43	4,64	7,79	3,65	2,78	3,97	3,95	4,98	1,94	2,03	2,94
Kuwait	5,05	5,94	12,15	8,84	6,72	5,35	4,70	3,62	-4,98	3,52	3,08	3,79
Lebanon	2,47	3,12	2,89	2,23	2,31	0,21	0,64	0,43	3,22	1,55	1,59	0,85
Oman	1,86	2,15	2,46	2,98	4,10	5,48	5,28	3,88	3,56	0,29	1,41	2,71
Saudi Arabia	2,49	2,68	3,39	3,74	4,82	5,77	5,99	3,99	2,72	1,61	3,64	2,65
Syrian Arab Republic	2,69	3,14	3,27	3,38	3,40	3,32	3,44	3,06	2,79	2,41	2,90	1,98
Yemen	1,64	1,76	1,92	1,74	1,70	3,44	4,11	4,05	4,75	3,14	3,06	3,05

Fonte: United Nations Population Division - World Population Prospects: The 2010 Revision.

Através do segundo quadro percebemos que se trata de populações francamente jovens, com a percentagem de população com idade até 14 anos a variar, em 2010, entre os 23% (Tunísia) e os 44% (Iémen). Os adultos jovens

<sup>5</sup> Sem entrar em detalhes nas variações existentes entre países, ou seja, numa análise regional macro, haverá diferentes explicações para os elevados níveis de fertilidade. Algumas devem passar pela existência de um mercado de trabalho que tem procura de trabalho infantil de baixo custo, pelo papel pouco emancipado da mulher, pelas reduzidas taxas de divórcio, pela inexistência de programas de planeamento familiar nacionais, por fatores culturais e religiosos, entre outros. (UNESCO, 2011: 55).

também representam uma grande parte da estrutura demográfica destes países. Em 2010, a população com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos variava entre os 26% (Líbano) e os 36% (Omã). O peso dos adultos jovens nestas sociedades é relativamente o mesmo de há sessenta anos atrás, o que evidencia que o processo de evolução demográfica da maioria destes países tem sido francamente distinto dos países pertencentes ao ocidente e a muitos países do continente asiático e da América do Sul.

**Quadro 2 – Percentagem de população jovem 1950 e 2010**

País	1950		2010	
	Pop. 0-14 (%)	Pop. 15-29 (%)	Pop. 0-14 (%)	Pop. 15-29 (%)
Algeria	40,13%	26,06%	26,86%	30,61%
Egypt	39,34%	26,93%	31,32%	28,60%
Libyan Arab Jamahiriya	41,91%	25,71%	30,23%	28,36%
Morocco	44,39%	26,52%	27,79%	28,57%
Sudan	43,79%	26,13%	39,93%	27,56%
Tunisia	38,88%	25,79%	23,19%	28,24%
Western Sahara	42,54%	26,59%	28,42%	28,37%
Mauritania	43,78%	27,77%	39,81%	28,16%
Iraq	37,38%	24,82%	42,97%	27,20%
Jordan	45,71%	23,71%	37,32%	30,48%
Kuwait	36,12%	32,48%	26,63%	27,81%
Lebanon	34,22%	26,42%	24,50%	26,48%
Oman	42,33%	26,40%	27,02%	35,92%
Saudi Arabia	42,01%	25,66%	30,17%	26,80%
Syrian Arab Republic	38,84%	27,97%	36,67%	28,36%
Yemen	42,29%	25,82%	44,10%	30,45%

Fonte: Elaboração Própria (Dados: United Nations Population Division - World Population Prospects: The 2010 Revision).

De forma sintética, os países do Magrebe foram marcados por fenómenos demográficos tardios, rápidos e convergentes (Rodrigues, 2009: 5). Através de uma análise mais profunda a vários indicadores demográficos, a conclusão a que se chega é a de que os mesmos não foram devidamente interpretados pelos decisores políticos, pois existiam várias estruturas sociais que não refletiam a realidade demográfica existente, não só ao nível da distribuição etária, mas essencialmente no que toca ao seu perfil.

Outro ponto de análise relevante prende-se com as diferentes dinâmicas migratórias existentes nas regiões do Magrebe e do Médio Oriente. Segundo Catarina Leal (Leal, 2009: 34) há três dinâmicas particularmente relevantes no que toca às dinâmicas migratórias no Magrebe. A primeira



consiste na exportação de pessoas para fora do continente, a segunda nas migrações sul-sul (essencialmente da África subsariana para o norte de África) e, dentro desta segunda dinâmica, há que distinguir as migrações de caráter temporário, visto que se trata de (i)migrantes<sup>6</sup> que utilizam estes países como pontos de passagem para os típicos destinos de emigração. A análise do Quadro 3 evidencia que, no norte de África, os países apresentam uma maior tendência de emigração e, no Médio Oriente, fruto de uma outra dinâmica do mercado de trabalho, uma maior propensão a atrair imigrantes.

**Quadro 3 – Saldo migratório líquido**

Country	Net number of migrants, both sexes combined (thousands)											
	1950-1955	1955-1960	1960-1965	1965-1970	1970-1975	1975-1980	1980-1985	1985-1990	1990-1995	1995-2000	2000-2005	2005-2010
Algeria	-289	-433	-638	-200	-154	6	83	-70	-50	-140	-140	-140
Egypt	-50	-50	-50	-240	-627	-848	-697	-652	-1 109	-946	-371	-347
Libyan Arab Jamahiriya	-40	46	46	75	91	119	186	-20	-20	-20	-20	-20
Morocco	1	-13	-205	-218	-443	-172	-50	-250	-450	-500	-614	-675
Sudan	-10	-10	-61	-82	176	328	416	-459	-168	-227	-532	135
Tunisia	-109	-173	-224	-145	-129	-17	-24	-25	-43	-56	-81	-20
Western Sahara	6	8	13	17	-11	61	10	11	10	27	90	48
Mauritania	-1	-2	-2	-3	-6	-10	-16	-30	-15	10	30	10
Iraq	-1	-1	-2	-7	-9	-48	-200	-630	-154	-18	-580	-150
Jordan	123	119	36	254	-30	-81	82	118	401	-188	-94	203
Kuwait	16	33	154	138	109	101	103	119	-602	125	162	278
Lebanon	2	40	20	-35	-10	-286	-220	-220	230	0	100	-13
Oman	-10	-10	-10	-5	25	76	82	9	66	-229	-50	153
Saudi Arabia	22	19	126	187	492	996	1 392	538	-122	-877	1 726	1 056
Syrian Arab Republic	-70	-15	-16	-16	-82	-162	-87	-147	-70	-130	548	-56
Yemen	-50	-75	-100	-246	-353	-75	-50	-50	650	-100	-100	-135

Fonte: United Nations Population Division - *World Population Prospects: The 2010 Revision*.

Os países europeus têm sido, até por afinidades históricas, o principal destino da emigração do norte de África (Rodrigues e Ferreira, 2011: 13), o que tem sido uma situação benéfica para ambas as partes. Os emigrantes saem dos seus países por razões de ordem política e económica, ou seja, procuram melhores condições de vida. Até ao surgimento da crise económica e financeira que tem assolado a Europa nos últimos anos, os países europeus conseguiam dar uma resposta à maioria das necessidades dos imigrantes. Face ao deteriorar do contexto económico do espaço europeu, principalmente

<sup>6</sup> Podem tratar-se de imigrantes provenientes de países mais a sul ou de migrantes, cidadãos nacionais, que se movem de regiões mais interiores e mais a sul para a zona costeira norte do próprio país (Rodrigues e Ferreira, 2011: 17).

nos países do sul, esta poderá ser uma dinâmica a alterar-se no futuro, já que os países de destino dos emigrantes no norte de África poderão começar a mudar, pese embora a necessidade de imigração que se continuará a viver na Europa. O envelhecimento individual e demográfico das populações europeias trará mudanças a médio-prazo e a realidade é que, por maior que sejam os incentivos à natalidade ou os aumentos da idade da reforma, as sociedades europeias não conseguirão evitar as acentuadas consequências do envelhecimento demográfico sem recurso à imigração, isto se pretenderem ser sustentáveis e competitivas no futuro. Não havendo interesse em fluxos migratórios descontrolados, como aqueles que existem em situações de conflitos civis ou guerras e que, quiçá, possam ter existido desde o início da “primavera árabe”<sup>7</sup>, a Europa terá, à partida, interesse em políticas de imigração favoráveis a receber os emigrantes do norte de África.

Em suma, houve um contexto político e económico que levou à “exportação” de pessoas e, posteriormente, a uma revolta civil. O cenário de imigração manter-se-á no futuro? As tendências dos saldos migratórios prospetivos vão nesse sentido (Rodrigues e Ferreira, 2011: 36), devendo, contudo, ser revistas muito em breve, pois não é crível que a emigração se mantenha nos níveis verificados no passado e, atendendo ao momento atual que se vive no espaço europeu, é expectável que surjam novos destinos para os emigrantes do norte de África.

### **3. Contexto socioeconómico**

#### **3.1 Urbanização, Educação e Desenvolvimento Humano**

O sistema patriarcal existente nestas sociedades tem vindo a ser alterado gradualmente. Para isso muito tem contribuído a melhoria dos níveis de instrução das populações, o qual não é alheio ao aumento das taxas de urbanização (Ferreira, 2012: 315), na medida em que a oferta educativa está centrada nas regiões urbanas. Com a gradual alteração do emprego agrícola para a manufatura e indústrias, concentrados nas zonas urbanas, as populações abandonaram as zonas rurais a taxas muito elevadas na segunda

---

<sup>7</sup> Algo que ainda não é possível de aferir, estatisticamente, com segurança.

metade do século XX (LaGraffe, 2011: 70). Em 2010, a maioria das populações destes países já vivia em contextos urbanos.

**Quadro 4 – Percentagem de população urbana em 2010**

País	%
Argélia	66
Egipto	43
Líbia	78
Marrocos	58
Mauritânia	41
Sudão	40
Saara Ocidental	82
Tunísia	67
Arábia Saudita	82
Iémen	32
Iraque	66
Jordânia	79
Kuwait	98
Líbano	87
Omã	73
Síria	56

Fonte: Elaboração Própria (Dados: United Nations Population Population Division - *World Population Prospects: The 2010 Revision*).

O contexto de maior urbanização e os vários programas de ajuda externa focados na educação levaram à melhoria dos indicadores educacionais, particularmente visíveis na população mais jovem. É do senso comum que cidadãos com maior nível de educação são cidadãos mais críticos e com maiores níveis de exigência perante o sistema político. É portanto, sem espanto, que se constata que o aumento dos níveis de educação pode ter tido

um papel relevante, enquanto elemento caracterizador da população jovem que esteve envolvida nos protestos sociais de 2011 e 2012, nos países em estudo. Contudo, esse aumento nem aconteceu devido a um particular investimento dos estados no setor da educação, visto que a percentagem do PIB em gastos com educação manteve-se, entre 1980 e 2008, relativamente igual, tendo até, em muitos decrescido. Mais uma vez, houve falta de aproveitamento político da bolha de jovens, que poderia ser um catalisador de desenvolvimento económico e de redução de pobreza, caso houvesse uma estratégia de investimento no capital humano que estava amplamente disponível (Subrahmanyam, 2011: 4).

A educação é também uma variável importante para aferir a qualidade de vida de um país, através do Índice de Desenvolvimento Humano. Este índice combina diversas dimensões demográficas, económicas e sociais, sendo um bom indicador resumo dos níveis de desenvolvimento existentes num país. Dos países em estudo, nem todos fornecem dados para que possa ser elaborado o IDH. Contudo, aqueles que conseguimos aferir enquadram-se maioritariamente em níveis médios de desenvolvimento humano, estando os países exportadores de matérias-primas energéticas, casos de Arábia Saudita (56) ou Kuwait (63), em posições mais elevadas.

**Quadro 5 – Índice de Desenvolvimento Humano 2011**

		Human Development Index (HDI)	Life expectancy at birth	Mean years of schooling	Expected years of schooling	Gross National Income (GNI) per capita	GNI per capita rank minus HDI rank	Nonincome HDI
HDI rank		Value	(years)	(years)	(years)	(Constant 2005 PPP\$)		Value
		2011	2011	2011	2011	2011	2011	2011
<b>VERY HIGH HUMAN DEVELOPMENT</b>								
<b>HIGH HUMAN DEVELOPMENT</b>								
63	Kuwait	0,760	74,6	6,1	12,3	47.926	-57	0,705
71	Lebanon	0,739	72,6	7,9	13,8	13.076	-10	0,760
89	Oman	0,705	73,0	5,5	11,8	22.841	-50	0,671
94	Tunisia	0,698	74,5	6,5	14,5	7.281	2	0,745
<b>MEDIUM HUMAN DEVELOPMENT</b>								
95	Jordan	0,698	73,4	8,6	13,1	5.300	9	0,773
96	Algeria	0,698	73,1	7,0	13,6	7.658	-5	0,739
113	Egypt	0,644	73,2	6,4	11,0	5.269	-6	0,686
119	Syrian Arab Republic	0,632	75,9	5,7	11,3	4.243	-5	0,686
130	Morocco	0,582	72,2	4,4	10,3	4.196	-15	0,606
132	Iraq	0,573	69,0	5,6	9,8	3.177	-3	0,616
<b>LOW HUMAN DEVELOPMENT</b>								
154	Yemen	0,462	65,5	2,5	8,6	2.213	-11	0,471
159	Mauritania	0,453	58,6	3,7	8,1	1.859	-10	0,472
169	Sudan	0,408	61,5	3,1	4,4	1.894	-21	0,402

Fonte: *Human Development Reports – 2011 Report 11*

Mais importante do que aferir a posição no índice é perceber a sua evolução, de modo a entender se havia sinais de uma mudança de perfil das populações. O Quadro 5 evidencia que os países estão a fazer progressos, embora de forma lenta, até porque o IDH é um índice agregado, ou seja, são processos e estruturas que não se conseguem alterar em poucos anos. Assim, teremos de esperar décadas para obter o retorno do investimento que está a ser feito nessas regiões e nas suas populações.

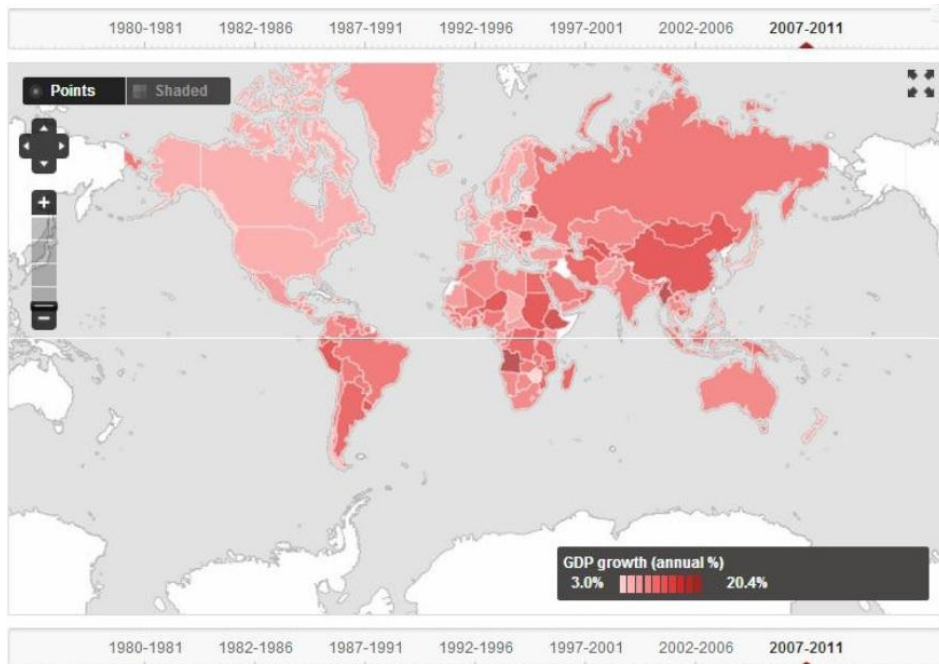
**Quadro 6 – Índice de Desenvolvimento Humano 1980-2011**

HDI rank		Human Development Index (HDI) - Value						
		1980	1990	2000	2005	2009	2010	2011
<b>VERY HIGH HUMAN DEVELOPMENT</b>								
<b>HIGH HUMAN DEVELOPMENT</b>								
63	Kuwait	0,688	0,712	0,754	0,752	0,757	0,758	0,760
71	Lebanon	..	..	..	0,711	0,733	0,737	0,739
89	Oman	..	..	..	0,694	0,703	0,704	0,705
94	Tunisia	0,450	0,542	0,630	0,667	0,692	0,698	0,698
<b>MEDIUM HUMAN DEVELOPMENT</b>								
95	Jordan	0,541	0,591	0,646	0,673	0,694	0,697	0,698
96	Algeria	0,454	0,551	0,624	0,667	0,691	0,696	0,698
113	Egypt	0,406	0,497	0,585	0,611	0,638	0,644	0,644
119	Syrian Arab Republic	0,497	0,548	0,583	0,621	0,630	0,631	0,632
130	Morocco	0,364	0,435	0,507	0,552	0,575	0,579	0,582
132	Iraq	..	..	..	0,552	0,565	0,567	0,573
<b>LOW HUMAN DEVELOPMENT</b>								
154	Yemen	..	..	0,374	0,422	0,452	0,460	0,462
159	Mauritania	0,332	0,353	0,410	0,432	0,447	0,451	0,453
169	Sudan	0,264	0,298	0,357	0,383	0,403	0,406	0,408

Fonte: Human Development Reports – 2011 Report

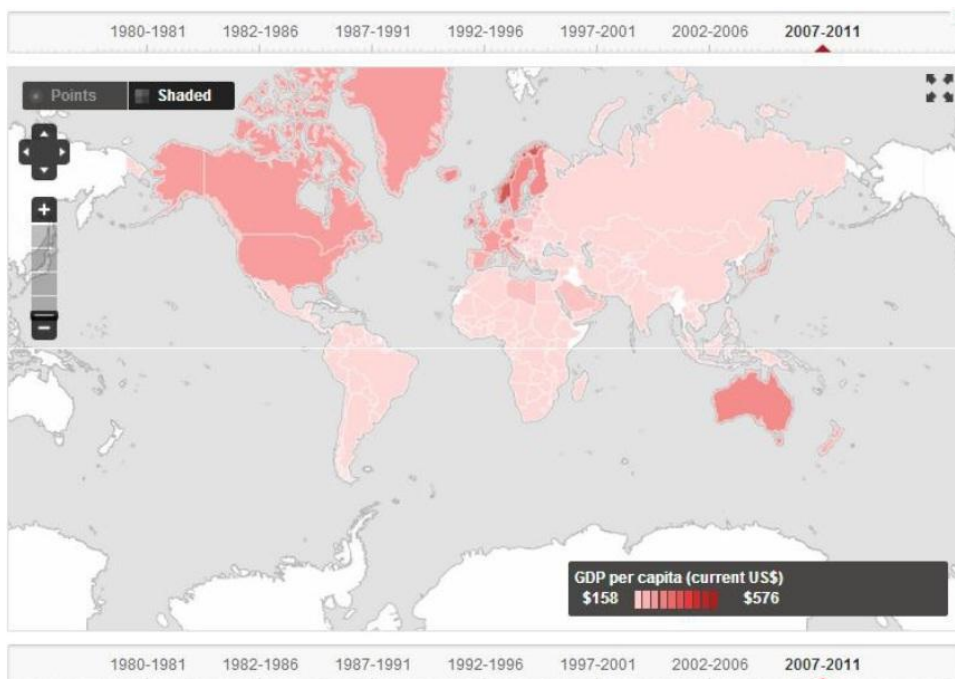
### 3.2 Pobreza e Desemprego

**Figura 1 – PIB: crescimento anual (%)**



Fonte: <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG/countries?display=map> 12

**Figura 2 – PIB *per capita***



Fonte: <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD/countries?display=map>

Apesar do crescente desenvolvimento económico verificado nos últimos anos (Figura 1), estes países continuam a apresentar valores de PIB *per capita* bastante reduzidos (Figura 2), pois não foram criadas estruturas económicas que levassem o crescimento económico dos países a um incremento dos níveis de riqueza das populações, sendo, deste modo, aceitável o cenário de “exportação de pessoas” que se tem verificado no norte de África (Leal, 2009: 36). As assimetrias verificadas, entre 2007 e 2011 (Figura 1 e Figura 2), já existiam nos períodos anteriores a 2007, ou seja, esta ausência de correlação positiva entre as duas variáveis parece indicar que os mecanismos de distribuição de riqueza junto da população eram algo escassos.

Em 2008, a subida dos preços das matérias-primas acentuou e contribuiu para o agravamento da situação dos países importadores de produtos agrícolas e de petróleo, em particular no continente africano (Rodrigues, 2009:3), trazendo então um declínio das condições económicas e um maior desconforto para as populações, aumentando, assim, os riscos de segurança.

Aos baixos salários acresciam níveis de desemprego altos, sobretudo nas camadas mais jovens (Leal, 2009: 37), ou seja, a população entre 15 e 24, ou até mesmo 29, anos estava desocupada e via as suas expectativas defraudadas. No geral, mais de 40% do total de desempregados nestes países apresentavam idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos e apenas 25% da população empregada é que se enquadrava nos jovens adultos (LaGraffe, 2012: 67), expondo estes setores da população a níveis de pobreza mais elevados.

Muitos destes países, especialmente os do Golfo Pérsico, assentaram o seu crescimento económico na exportação de recursos energéticos e em investimento direto estrangeiro (grande parte aplicado em programas de ajuda internacional), aliviando, assim, a sua população de uma grande carga fiscal, algo que acaba por ser intencional, na medida em que, tradicionalmente, a taxa fiscal acaba por ser uma das fontes de exigência e participação da população face ao governo e restantes instâncias políticas (Jones, 2013: 60).

Antes da “primavera árabe” existiam claros sinais de desenvolvimento económico, o que, segundo as teorias clássicas da modernidade, é um elemento importante para a formação de uma classe média com exigências de democratização, algo que, uma vez mais, parece não ter sido considerado pelas elites políticas dirigentes destes países. Atualmente, a maioria destas economias ressentem-se da instabilidade política existente, pois houve uma diminuição do investimento estrangeiro, uma diminuição na atividade das suas indústrias e uma diminuição no volume de turismo (Jones, 2013: 59).

### **Conclusão**

A demografia parece ter, efetivamente, um papel muito relevante em matérias securitárias, até porque os desafios demográficos, na segurança, não devem ser abordados de forma isolada, pois estão, geralmente, associados a dinâmicas socioeconómicas e ou migratórias (Ferreira, 2012: 316). Nos acontecimentos da “primavera árabe” os riscos securitários estavam amplamente detetados e nada foi feito para os tentar controlar. Havia grandes assimetrias económicas, uma grande massa de população jovem desempregada e em situação de pobreza, uma população mais educada e em contacto com outras realidades políticas e culturais e níveis de emigração muito elevados, o que deixava antecipar que muitos destes países não estavam a apresentar soluções para as suas populações.

Eram muitos os sinais de descontentamento e de ameaça que estavam a ser acumulados. Assim, a principal questão deixada por este ensaio prende-se em aferir se houve incapacidade ou incompetência dos decisores políticos? Obviamente que, posteriormente, este acontecimento ganhou escala devido ao efeito de contágio que houve para outros setores da população, para lá da população jovem, e para outros países. A partir desse momento tornou-se impossível criar estratégias de antecipação e já havia pouco controlo de danos que pudesse ser levado a cabo, sem passar pelo uso da força militar e por mecanismos de resposta mais agressivos.

É difícil ter uma análise prospetiva para o futuro, até mesmo na dimensão demográfica, pois os efeitos deste acontecimento serão amplamente sentidos nos próximos anos e em diferentes setores sociais. Contudo,



corrigidos os problemas contextuais, principalmente de origem política e económica, os indicadores demográficos apresentam tendências animadoras para o norte de África e Médio Oriente e, quiçá, dentro de algumas décadas, os países árabes possam obter o dividendo demográfico que a Ásia recebeu e do qual as suas sociedades estão agora a beneficiar.

## Bibliografia

Buzan, Barry - *People, States, and Fear: An Agenda for International Security in the Post-Cold War Era*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1991.

Easton, David - *A Systems Analysis of Political Life*. New York: Wiley, 1965.

Ferreira, Susana - «Mediterrâneo: cenários demográficos e desafios à segurança». In *Livro de Resumos IV Congresso Português de Demografia*. Lisboa: Associação Portuguesa de Demografia, 2012.

Jones, Seth - «The Mirage of the Arab Spring». In *Foreign Affairs*. Volume 92, N° 1, 2013, pp. 55-63.

LaGraffe, Daniel - «The Youth Bulge in Egypt: An Intersection of Demographics, Security, and the Arab Spring». In *Journal of Strategic Security*. Volume 5, N°2, 2012, pp. 65-79.

Marcelino, Patrícia - «A “Primavera Árabe” e o Fluxo de Refugiados para a União Europeia: Comunicação num Cenário de Crise». In *Nação e Defesa*. 5ª Série, N° 132, 2012, pp. 61-82.

Morgenthau, Hans - *Politics Among Nations*. New York: Alfred A. Knopf, 1965.

UNESCO Regional Bureau for Education in the Arab States - *Arab Youth: Civic Engagement & Economic Participation*. Beirut: UNESCO Regional Bureau, 2011.

### ARTIGOS DISPONÍVEIS NA A INTERNET

Bang, Henrik P. - *The Political System Revisited*. [2012-12-12]. Disponível em <http://www.ecprnet.eu/MyECPR/proposals/reykjavik/uploads/papers/1083.pdf>

Leal, Catarina Mendes - *Magrebe: Um Exportador de Energia e de Pessoas*. [2012-12-08]. Disponível em <http://www.geema.org/documentos/1272291889X4pOU9sp0On98EO6.pdf>

Madsen, Elizabeth Leahy - *Yemen: Revisiting Demography After the Arab Spring*. [2012-11-06]. Disponível em <http://www.newsecuritybeat.org/2012/04/yemen-revisiting-demography-after-the-arab-spring/>

Rodrigues, Teresa Ferreira - *Realidades Demográficas no Mediterrâneo I - Dinâmicas Actuais e Cenários Prospectivos*. [2012-12-06]. Disponível em <http://www.geema.org/documentos/1261569576U9zWV7bg9Cg53RG8.pdf>

Rodrigues, Teresa Ferreira e Ferreira, Susana - *Realidades Demográficas no Mediterrâneo II – Dinâmicas migratórias e análise a longo prazo das tendências demográficas (1950-2050)*. [2012-12-06]. Disponível em <http://www.geema.org/documentos/1310552980P7qDV7xc2Ml97AS0.pdf>

Subrahmanyam, Gita - *Tackling Youth Unemployment in the Maghreb*. [2013-02-12]. Disponível em [http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/North%20Africa%20ch%20C3%B4mage%20Anglais%20ook\\_North%20Africa%20Quarterly%20Analytical.pdf](http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/North%20Africa%20ch%20C3%B4mage%20Anglais%20ook_North%20Africa%20Quarterly%20Analytical.pdf)

### - BASES DE DADOS

HUMAN DEVELOPMENT REPORTS: <http://hdr.undp.org/en/statistics/hdi/>

THE ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT: [www.oecd.org/](http://www.oecd.org/)

POPULATION REFERENCE BUREAU: <http://www.prb.org/>

UNITED NATIONS POPULATION DIVISION: <http://www.un.org/esa/population/>

WORLD BANK: <http://www.worldbank.org/>